

**HABILIDADES SOCIAIS E FORMAÇÃO ACADÊMICA:  
ESTUDO COMPARATIVO ENTRE GRADUANDOS E  
PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA**

***SOCIAL SKILLS AND ACADEMIC BACKGROUND: A  
COMPARATIVE STUDY AMONG STUDENTS AND  
PSYCHOLOGY PROFESSIONALS***

***HABILIDADES SOCIALES Y FORMACIÓN ACADÉMICA: UN  
ESTUDIO COMPARATIVO ENTRE LOS ESTUDIANTES Y  
PROFESIONALES DE PSICOLOGÍA***

Diêgo Ferreira de Oliveira<sup>I</sup>

Jackeline Maria de Souza<sup>II</sup>

<sup>I</sup>Universidade Federal do Vale do São Francisco, Pernambuco – Brasil. E-mail:  
diego\_ferreira89@hotmail.com

<sup>II</sup>Universidade de São Paulo, São Paulo – Brasil. E-mail: jackeline.souza1@gmail.com



Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Common](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

## Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo comparar as habilidades sociais (HS) de graduandos de Psicologia e profissionais da mesma área com pelo menos um ano de atuação. O estudo foi realizado com três grupos: 63 estudantes do início do curso (1º, 2º e 3º períodos); 54 estudantes do final do curso (8º, 9º e 10º períodos); e 25 psicólogos. Para coleta de dados foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais (IHS), o qual foi aplicado com os estudantes e os profissionais na universidade, nos locais de trabalho, em outro ambiente de sua disponibilidade ou através de e-mail. Os resultados apontaram que não houve diferenças significativas no escore geral de Habilidades Sociais entre os estudantes de início e final do curso ( $p = 0,319$ ) nem entre estudantes de final do curso e psicólogos ( $p = 0,70$ ). Houve diferença significativa quando comparados os estudantes de início de curso e psicólogos ( $p = 0,009$ ). A partir do manual, foi possível verificar que, em sua maioria, os estudantes e profissionais apresentam um bom repertório de HS em seus diferentes fatores. Consideramos relevante, ainda, o desenvolvimento de atividades que possibilitem maior aprendizagem dessas HS ainda durante a formação, avaliando que estas são fundamentais à atuação do psicólogo.

**Palavras-chave:** Habilidades sociais. Universitários. Estudantes de psicologia. Psicólogos.

## Abstract

*The present research had as an objective the comparison of Social Skills (SS) on psychology course undergraduates' and professionals working in the area with at least one year of work performance. Three groups participated in this study: 63 students at the beginning of the course (1st, 2nd and 3rd semesters); 54 students at the end of the course (8th, 9th and 10th semesters); and 25 psychologists. For the data collect it was used a Social Skills Inventory (SSI) that was applied at the university places of work or availability, or via e-mail, with the professionals. The results showed that there were no significant differences in the overall score of Social Skills, neither between the students at the beginning and the end of the course ( $p=0.319$ ) nor between students at the end of the course and the psychologists ( $p= 0,70$ ). There was a significant difference in the comparison of students at the beginning of the course and psychologists ( $p= 0.009$ ). From the manual, it was possible to verify that the majority, of students and professionals, presented a good repertory of SS in its different factors. It was considered still relevant, the development of activities that could enable a*

*major learning of these SS still during graduation, evaluating that they are fundamental to the psychologists' performance.*

**Keywords:** *Social skills. Psychology. Psychology students. Psychologists.*

### **Resumen**

*El presente estudio tiene como objetivo comparar las habilidades sociales (HS) de estudiantes de psicología y profesionales de la misma área con al menos un año de experiencia. El estudio fue realizado con tres grupos: 63 estudiantes de inicio de carrera (1°, 2° y 3° semestre); 54 estudiantes de final de carrera (8°, 9° y 10° semestre); y 25 psicólogos. Para recopilar los datos se utilizó el Inventario de Habilidades Sociales (IHS) que fue aplicado en la universidad a los estudiantes; y en los lugares de trabajo, en otro ambiente disponible o a través de correo electrónico, a los profesionales. Los resultados apuntan que no hubo diferencias significativas en el resultado final de Habilidades Sociales entre los estudiantes de inicio y final de curso ( $p = 0,319$ ), ni entre estudiantes de final de curso y psicólogos ( $p = 0,70$ ). Hubo una diferencia significativa cuando comparamos estudiantes de inicio de curso y psicólogos ( $p = 0,009$ ). A partir del manual, fue posible verificar que, en su mayoría, los estudiantes y profesionales presentan un buen repertorio de HS en sus diferentes factores. Consideramos, todavía, relevante el desarrollo de actividades que posibilitan mayor aprendizaje de estas HS aún durante la formación, evaluando que estas son fundamentales para la actuación del psicólogo.*

**Palabras clave:** *Habilidades sociales. Universitarios. Estudiantes de psicología. Psicólogos.*

## **1 Introdução**

A presente pesquisa teve como objetivo comparar as habilidades sociais (HS) de graduandos de Psicologia, de início e fim de curso, e profissionais da mesma área com pelo menos um ano de atuação, considerando que essas habilidades são importantes para atuação do psicólogo por este ter como principal meio de trabalho as relações interpessoais (BANDEIRA *et al*, 2006; DEL PRETTE, DEL PRETTE & BRANCO, 1992a; DEL PRETTE, DEL PRETTE, ABARHAM, & REIS, 2000). Com esse objetivo, a pesquisa busca contribuir para a discussão acerca do desenvolvimento dessas habilidades durante o período acadêmico,

o que indiretamente pode vir a fomentar um debate sobre uma qualificação profissional não apenas em sua dimensão técnica e ética, mas também sobre o desenvolvimento de habilidades interpessoais.

A competência técnica é um dos objetivos dos cursos profissionalizantes, enquanto a competência interpessoal dificilmente é tratada como objetivo da formação profissional (DEL PRETTE, DEL PRETTE & BRANCO, 1992a). Contudo, a natureza essencialmente interativa da atuação profissional do psicólogo acrescenta, às habilidades técnicas, a necessidade de avaliar e promover a aquisição de habilidades interpessoais ao longo da formação do discente, as quais devem ser tratadas como objetivo dessa formação (DEL PRETTE, DEL PRETTE & BRANCO, 1992b).

Segundo Del Prette, Del Prette e Branco (1992b), as HS eram negligenciadas no processo de formação em psicologia. Essa limitação curricular pode estar diretamente relacionada com o fato de que os alunos aprendem conceitos, dominam bem as técnicas, possuem vasta bibliografia, mas apresentam necessidades em melhora de relacionamento social e profissional (CRUZ & SCHULTZ, 2009; DEL PRETTE, 1978; DEL PRETTE, DEL PRETTE & BRANCO, 1992a; LISBOA & BARBOSA, 2009).

Del Prette e Del Prette (2008) definem o conceito HS como a existência de classes diferentes de comportamentos sociais que fazem parte do repertório do sujeito para agir de forma adequada em situações interpessoais. Para os autores, a competência social envolve: a consecução dos objetivos da interação; a manutenção ou melhora da autoestima e da qualidade da relação; equilíbrio entre ganhos e perdas entre os sujeitos da interação; e respeito aos direitos humanos básicos.

Podemos notar que as demandas de cada ciclo vital e as respostas apresentadas pelo sujeito demonstram que a aquisição de comportamentos sociais engloba um processo de aprendizagem durante toda a vida (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2012). Vale destacar também que o desenvolvimento das Habilidades Sociais tem se mostrado eficaz como mediador da relação entre a auto-regulação do comportamento e o desempenho acadêmico entre crianças (MONTROY, BOWLES, SKIBBE, & FOSTER, 2014), além de estar associado a uma maior satisfação com a vida entre universitários, sendo estes índices maiores entre estudantes de final de curso se comparado aos recém ingressantes (MALINAUSKAS, DUMCIENE, & LAPENIENE, 2014)

Por outro lado, a existência de déficits de HS está associada a alguns fatores sociais, como: dificuldades e conflitos nas relações interpessoais, pior qualidade de vida, transtornos psicológicos, agorafobia e fobia social, abuso de drogas, isolamento social, desajuste escolar, suicídio, depressão e distress psicológico (DASCANIO, DEL PRETTE, BARHAM, RODRIGUES & DEL PRETTE, 2015; LEVITAN, RANGÉ & NARDI, 2008; OZBNE, 2013; VILA & DEL PRETTE, 2013b; WAGNER & OLIVEIRA, 2007; SEGRIN, MCNELIS, & SWIATKOWSKI, 2015).

Considerando esses efeitos negativos ocasionados pelo déficit em HS e a relação das HS com transtornos psíquicos (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2013), várias intervenções foram desenvolvidas objetivando o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) nos diversos contextos, com diferentes faixas populacionais e papéis sociais - pais, adolescentes, universitários, casais – (BOLSONI-SILVA, LEME, LIMA, COSTA-JÚNIOR, & CORREIRA, 2009; FERREIRA, OLIVEIRA, & VANDENBERGHE, 2014; MOUNTS, 2011) e distintas características clínicas (MURTA, 2005; VAN VUGT, DEKOVIĆ, PRINZIE, STAMS, & ASSCHER, 2013).

O THS é um método de tratamento que procura desenvolver a superação de déficits e dificuldades de comportamentos e potencializar o repertório de comportamentos sociais (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2012). Pesquisas sobre THS (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2001) e assertividade entre universitários (POURJALI & ZARNAGHASH, 2010) têm demonstrado que pessoas competentes socialmente apresentam maior saúde física e mental, bem como maior qualidade em seus relacionamentos interpessoais.

Lopes et al. (2015) e Bolsoni-Silva et al. (2009) nos apresentam resultados de THS bem sucedidos com estudantes universitários, bem como da manutenção dessas intervenções em longo prazo (FERREIRA, OLIVEIRA, & VANDENBERGHE, 2014). Em todos esses estudos houve melhora no repertório de HS após a intervenção.

Ainda sobre pesquisas que demonstram resultados positivos de intervenções em HS com universitários, vale destacar mais recentemente o relato de Rosa, Navarro-Segura e López (2014) na Espanha. Esse estudo apresenta uma metodologia que envolve desde o reconhecimento dos elementos que compõem os processos de comunicação nas situações de prática profissional, até estratégias úteis para o manejo das situações conflituosas, dilemas e questões éticas. Além disso, há de se considerar a reflexão sobre as possíveis consequências desses manejos, bem como a tomada de consciência e desenvolvimento sobre o seu próprio

desempenho quanto a assertividade, comunicação afetiva e empática e habilidades cognitivas que afetam as relações interpessoais nos contextos profissionais.

Outro estudo, de Magalhães e Murta (2003), avaliou os efeitos do treinamento sobre o repertório de HS de 13 estudantes de psicologia. Desse total, 12 apresentaram melhora no repertório de HS e 7 tiveram melhora quanto à classificação clínica de HS. Apesar da amostra reduzida, o estudo corrobora com os citados anteriormente. Intervenções com estudantes de Psicologia são importantes, pois, no que concerne à atuação do psicólogo, o profissional deve ser capaz de avaliar as situações presentes na vida do sujeito ao qual presta serviço, bem como as HS envolvidas nessas situações de forma a atender suas necessidades (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2008). Segundo o Conselho Federal de Psicologia (1992), o psicólogo estuda e analisa: “os processos intrapessoais e das relações interpessoais, possibilitando a compreensão do comportamento humano individual e de grupo, no âmbito das instituições de várias naturezas, onde quer que se deem estas relações” (p. 1).

Diferentes competências técnicas foram avaliadas no estudo realizado por Cruz e Schultz (2009), se destacando como importantes: ações de orientação profissional e de pais, trabalhos de estimulação neuropsicológica, realização de perícias e redigir informações em prontuários. As competências éticas, de comunicação e de relacionamento social e profissional, foram consideradas imprescindíveis pelos sujeitos participantes da pesquisa – docentes, estagiários, e egressos de psicologia. Desta forma, tendo em vista essas competências imprescindíveis, caberia aos cursos de graduação contemplar o seu desenvolvimento ainda durante a formação.

Em estudo feito por Del Prette, Del Prette, Abarham e Reis (2000), com 76 psicólogos que trabalhavam em diferentes contextos de atuação, foi realizado um levantamento que permitiu concluir quais os repertórios que os psicólogos julgavam como mais importantes na sua atuação. Das escolhas possíveis, destacaram-se: recusar pedidos abusivos, fazer perguntas, ouvir, incentivar, dar *feedback* negativo, trabalhar em cooperação com grupo e responder perguntas. Vale ressaltar que, embora apontassem a importância dessas habilidades, os participantes reconheciam que não possuíam todas estas no seu repertório comportamental.

Resultados semelhantes foram encontrados por Bandeira et al. (2006) em pesquisa que visava investigar quais as habilidades interpessoais eram importantes para o psicólogo. Foi aplicado, a 74 profissionais da área, um questionário composto por 51 habilidades a serem avaliadas. As quatro habilidades mais bem avaliadas foram, em ordem decrescente: (a) ouvir,

com atenção a fala da outra pessoa; (b) observar, com atenção, expressões verbais relevantes; (c) recusar pedidos abusivos; e (d) ajudar o outro a identificar os seus sentimentos.

Diferentes pesquisas com estudantes e profissionais de Psicologia vêm sendo desenvolvidas, como explicitado acima. A pesquisa de Del Prette e Del Prette (1983) é mais um exemplo. Ela teve como intento avaliar o repertório de HS de estudantes de início do curso de psicologia. Nesse estudo, os pesquisadores apresentaram aos alunos quatro situações de interação social: (a) recusar solicitações abusivas; (b) expressar sentimentos positivos; (c) discordar, contra-argumentar e defender os próprios direitos; e (d) afirmar as próprias ideias. Os resultados desse estudo indicaram que 50% dos alunos apresentavam déficits no repertório de assertividade nas situações b, c e d.

Corroborando a necessidade de inclusão de programas que desenvolvam HS na graduação em Psicologia, Carneiro e Teixeira (2011) realizaram uma pesquisa com 24 universitários. Os participantes foram divididos em três grupos: (1) 1º, 2º e 3º períodos; (2) 5º período; e (3) 7º e 9º períodos. Para a coleta dos dados foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e o questionário de promoção de desenvolvimento de habilidades sociais (DHS). Os dados dessa pesquisa demonstraram que o primeiro grupo foi o que apresentou maiores escores, indicando repertório de HS mais elaborado, enquanto que os alunos em estágio mais avançado de curso (sétimo e nono períodos) apresentaram maior necessidade de THS.

A limitação na formação e a necessidade de adequação dos currículos dos cursos, destacadas em publicações de diferentes anos (DEL PRETTE, 1978; DEL PRETTE, DEL PRETTE & BRANCO, 1992A; CRUZ & SCHULTZ, 2009; LISBOA & BARBOSA, 2009), levantam a necessidade de avaliação contínua sobre a formação. Nos documentos que já há algum tempo tratam de competências técnicas e éticas, também incluem habilidades que fazem menções a relações interpessoais, como: apresentar trabalhos e discutir ideias em público, boa comunicação na interação com outros profissionais de saúde e usuários dos serviços oferecidos, habilidades de liderança, empatia e capacidade de tomar iniciativas (BRASIL, 2001; 2011).

A qualidade das relações interpessoais que o psicólogo, em sua atuação, estabelece com as pessoas dependerá do seu repertório de HS (BANDEIRA et al., 2006). Essas habilidades também estarão diretamente associadas aos resultados obtidos em sua intervenção, já que terapeutas com maior grau de empatia (componente das HS) têm melhores

resultados com seus clientes que os terapeutas que apresentam menor grau de empatia (FALCONE 2003).

A partir dos estudos acerca das habilidades sociais, podemos observar que existem habilidades específicas que são consideradas inerentes à atuação do profissional de psicologia (BANDEIRA et al., 2006; DEL PRETTE, DEL PRETTE, ABARHAM & REIS, 2000; DEL PRETTE E DEL PRETTE, 1983) e que essas habilidades deveriam ser trabalhadas durante o processo formativo do psicólogo (DEL PRETTE, 1978; DEL PRETTE, DEL PRETTE & BRANCO, 1992A; DEL PRETTE, DEL PRETTE & BRANCO, 1992b). Vale ressaltar, também, que estudos vêm apontando a presença de estudantes que estão abaixo da média em HS (BOLSONI-SILVA et al., 2009; PONTES & SOUSA, 2011).

Diante disso, esse estudo propõe-se a contribuir para essa discussão, buscando responder questões como: Os estudantes de fim de curso apresentam um melhor repertório de HS em comparação a estudantes de começo de curso? Os estudantes que participam de atividades extra classe, como atividades de pesquisa e extensão, e que conseqüentemente se expõem a contextos diferentes de interações sociais possuem maior HS quando comparados aos que não participam desses espaços? Os profissionais que estão há mais de um ano atuando como psicólogos apresentam maiores escores no IHS do que os estudantes? As respostas a essas questões podem averiguar se o desenvolvimento de HS está sendo propiciado por diferentes espaços de formação e atuação profissional.

## **2 Metodologia**

### **2.1 Participantes**

Participaram da pesquisa 142 sujeitos, o quais foram divididos em três grupos: 63 (44%) estudantes que estavam no início da graduação em Psicologia em uma universidade federal de Pernambuco (1º, 2º e 3º períodos, considerado ciclo básico); 54 (38%) estudantes do mesmo curso e universidade que estavam no término da graduação (8º, 9º e 10º períodos, ciclo profissional); e 25 psicólogos (18% da amostra) que atuam na mesma região da universidade e com experiência de pelo menos um ano na área.

Entre os estudantes de começo de curso, 19% eram do sexo masculino e 81% do sexo feminino. A idade média do grupo foi 20,7 anos (DP = 4,45) e a maior parte deles (95%)

estava na sua primeira formação acadêmica e não trabalhava (89%). Nesse grupo, 6,4% dos estudantes atuavam em atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas pela universidade.

Acerca do grupo formado pelos estudantes de fim de curso, a amostra foi composta, em sua maioria, por mulheres (79%), com idades entre 21 e 41 anos e média de 24,4 anos (DP = 3,81). Grande parte (93%) desses estudantes estava em sua primeira graduação, tinha como única atividade o estudo e não possuía nenhum vínculo empregatício (87%). Nessa fase do curso, 65% da amostra afirmou participar de atividade de pesquisa e extensão.

Quanto ao grupo de profissionais, também houve a predominância do sexo feminino (80%), com idade média de 28,2 anos (DP = 6,10). Todos os participantes atuavam há no mínimo 1 ano; a clínica e os espaços de saúde (Sistema Único de Saúde e hospitais) foram os principais contextos de atuação desses profissionais (39% cada), além do campo social (CRAS e CREAS) (13%), educação (5%) e outros (4%).

## 2.2 Instrumento

Para realização deste estudo foi feito um levantamento de dados através do Inventário de Habilidades Sociais (IHS) (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2001). Segundo esses autores, o IHS é um instrumento de autorrelato utilizado para avaliar as dimensões situacional e comportamental molar das habilidades sociais. Esse inventário é composto por 38 itens e está dividido em duas partes: a primeira diz respeito às instruções de respostas (pede-se que o participante estime a frequência com que reage de forma sugerida em cada item) e à lista de itens (cada um descreve uma situação desempenho de situação social e uma possível reação); a segunda parte possui um cabeçalho a ser preenchido com informações do participante e uma tabela para anotação das respostas (DEL PRETTE, DEL PRETTE, BARRETO, BANDEIRA, RIOS-SALDAÑA, ULIAN, GERK-CARNEIRO, FALCONE & VILA, 2004). As respostas são marcadas em uma escala tipo Likert, de 5 pontos de frequência: nunca ou raramente, com pouca frequência, com regular frequência, muito frequentemente, e sempre ou quase sempre.

Além do escore geral, o IHS apresenta uma estrutura de cinco fatores (Del Prette et al., 2001), a saber: o fator um (F1), denominado Enfrentamento com risco, faz menção à característica de assertividade, a qual é avaliada a partir de situações em que o sujeito se posiciona para garantir seus direitos e autoestima, ainda que isso possa gerar uma reação indesejável na interação com a outra pessoa; o fator dois (F2), de Autoafirmação na expressão

de afeto positivo, que retrata a expressão desses afetos e a afirmação da autoestima, mas, diferente do fator um, aqui as situações envolvem um baixo risco de reações adversas na interação; o fator três (F3), de Conversação e desenvoltura social, que avalia situações de interação social nas quais não está explícito um afeto positivo ou negativo, mas sim um relacionamento cotidiano segundo as normas sociais – os autores retratam essa resposta como “traquejo social” (DEL PRETTE et al., 2001, p. 28). O fator quatro (F4), de Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas, que envolve itens em que o respondente comenta sobre condições nas quais ele precisaria interagir com sujeitos desconhecidos; e, por fim, o fator cinco (F5), de Autocontrole da agressividade a situações aversivas, que reúne momentos aversivos oriundos do interlocutor, os quais exigem do sujeito controle de condutas impulsivas e/ou raiva e comportamentos agressivos. Vale ressaltar que não se trata de um comportamento passivo, mas de autocontrole, reagindo de modo socialmente competente.

Foi elaborado, também, um questionário a fim de levantar informações sobre sexo, idade, período, engajamento em atividades de pesquisa e extensão e atuação profissional.

## 2.3 Procedimentos

Foi realizada uma pesquisa descritiva e quantitativa a partir de um levantamento de campo (*survey*) do tipo transversal com três cortes. A aplicação do IHS com os estudantes ocorreu na própria universidade, em salas de aula ou em outro local, desde que as condições adequadas de aplicação estivessem asseguradas. Com os profissionais, o IHS foi aplicado em seu local de trabalho ou outro local de sua preferência e alguns foram respondidos via *e-mail*. Destaca-se que todos os requisitos éticos indicados na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde foram atendidos e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética local, sob o registro 0007/181113.

Para auxiliar a análise, foi elaborado um banco de dados a partir do programa SPSS versão 19 com as informações obtidas do IHS. Os dados foram analisados por meio dos testes de comparação de média (teste t e ANOVA), teste de correlação de Pearson entre as variáveis ordinais, estatística descritiva de média e porcentagens e comparação com valores trazidos pelo manual do IHS (DEL PRETTE et al., 2001).

### 3 Resultados

Para verificar se essas médias indicavam uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, foi preciso realizar o teste de comparação de média ANOVA. Este apontou que há diferenças entre os grupos de estudante de início de curso, fim de curso e profissionais no escore geral de HS e nos fatores descritos no instrumento. A partir do teste post hoc, pôde-se observar onde residiam essas diferenças, conforme descritos na Tabela 1.

**Tabela 1:** Comparação das médias no escore geral e por fatores no IHS entre Graduandos de Psicologia em início de curso, em fim de curso e profissionais com pelo menos um ano de atuação.

	Graduandos em início de curso		Graduandos em fim de curso		Profissionais	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
<b>Escore Geral de HS</b>	2,45*	0,45	2,54	0,46	2,75*	0,55
<b>Enfrentamento com riscos (F1)</b>	1,84*	0,58	2,07*	0,62	2,53*	0,61
<b>Expressão de afetos positivos (F2)</b>	3,02	0,95	2,85	0,57	3,08	0,68
<b>Desenvoltura social (F3)</b>	2,54	0,63	2,72	0,60	2,81	0,63
<b>Autoexposição (F4)</b>	2,33*	0,85	2,46	0,90	2,83*	0,95
<b>Autocontrole da agressividade (F5)</b>	2,66	0,85	2,66	0,68	2,86	0,67

Nota. Os asteriscos (\*) indicam quais grupos apresentam diferenças estatisticamente significativa ( $p < 0,05$ ) na mesma linha.

A primeira coluna representa os fatores do instrumento, os quais são definidos como: F1 - autoafirmação e enfrentamento com risco; F2 - Autoafirmação na expressão de afetos positivos; F3 - conversação e desenvoltura social; F4 - autoexposição a desconhecidos ou situações novas e F5 - autocontrole da agressividade a situações aversivas.

Analisando os escores gerais de HS, ao comparar os estudantes de início e final de curso não foi possível identificar diferenças significativas entre estes grupos ( $p > 0,05$ ). O mesmo ocorreu na comparação entre estudantes de final de curso e profissionais ( $p > 0,05$ ). Porém, ao comparar os estudantes de início de curso e profissionais houve diferença significativa de HS ( $p < 0,01$ ) – os profissionais apresentavam maiores HS, conforme Tabela 1, resultado também encontrado no fator 4 ( $p < 0,05$ ).

Vale ressaltar os dados encontrados na análise do fator 1 do instrumento – autoafirmação e enfrentamento com risco –, os quais apresentaram um escore maior dos profissionais; seguidos por estudantes de fim de curso e, com menor média, os estudantes de início de curso. Todas essas médias apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre si ( $p < 0,05$ ) e sugerem que essa habilidade pode estar sendo desenvolvida ao longo da formação e atuação profissional em Psicologia.

Nos fatores dois, três e cinco, respectivamente, autoafirmação na expressão de afetos positivos, conversação e desenvoltura social, e autocontrole da agressividade a situações aversivas, não foi observada nenhuma diferença estatisticamente significativa entre os grupos. Esse dado indica que estudantes de início de curso, fim de curso e profissionais, nessa amostra, possuem HS semelhantes nesses fatores.

A fim de verificar se a atuação profissional era uma variável importante para o desenvolvimento das HS, foi feita a junção de todos os estudantes em um único grupo e posteriormente comparado ao grupo dos profissionais. Conforme pode-se notar na Tabela 2, essa diferenciação foi vista no escore geral [ $t(140) = -2,45$ ;  $p = 0,015$ ], bem como nos fatores 1, autoafirmação e enfrentamento com risco [ $t(140) = -4,41$ ;  $p = 0,000$ ] e 4, autoexposição a desconhecidos ou situações novas [ $t(140) = -2,24$ ;  $p = 0,026$ ]. Em todos esses casos, os profissionais obtiveram maiores médias.

Esse dado aliado às comparações entre estudantes de início e fim de curso (em que houve diferenças apenas no fator 1, conforme já descrito na Tabela 1), sugere que a atividade profissional e as experiências somadas a essa atuação parecem promover mais habilidades do que as realizadas durante os anos de formação acadêmica.

Observa-se, em relação à comparação entre estudantes que afirmaram participar de atividades de pesquisa e extensão, seja como voluntários ou bolsistas, e aqueles que afirmaram não participar, que as médias de estudantes engajados nessas atividades são maiores do que as médias dos que não se engajam, porém essa diferença só é estatisticamente significativa no fator 1 [ $t(115) = -2,26; p = 0,025$ ], cuja a média foram de 2,08 e 1,83, respectivamente. As demais médias podem ser verificadas na Tabela 2.

**Tabela 2:** Comparação das médias no escore geral e por fatores no IHS entre diferentes grupos.

		Estudantes	Profissionais	Participantes de pesquisa e extensão	Não participantes de pesquisa e extensão
<b>Escore Geral</b>	Média	2,49	2,75	2,57	2,42
	DP	0,45	0,55	0,45	0,45
	<i>p</i>	0,015*		0,78	
<b>Enfrentamento com riscos (F1)</b>	Média	1,95	2,53	2,08	1,83
	DP	0,60	0,61	0,59	0,59
	<i>p</i>	0,000**		0,025*	
<b>Expressão de afetos positivos (F2)</b>	Média	2,94	3,08	3,01	2,88
	DP	0,80	0,68	0,97	0,61
	<i>p</i>	0,416		0,377	
<b>Desenvoltura social (F3)</b>	Média	2,62	2,81	2,71	2,55
	DP	0,62	0,63	0,59	0,64
	<i>p</i>	0,117		0,152	

<b>Autoexposição (F4)</b>	Média	2,39	2,83	2,51	2,29
	DP	0,87	0,95	0,85	0,88
	<i>p</i>	0,026*		0,161	
<b>Autocontrole da agressividades (F5)</b>	Média	2,66	2,86	2,73	2,60
	DP	0,77	0,67	0,74	0,80
	<i>p</i>	0,21		0,384	

Notas. \* Diferença estatisticamente significativa entre os grupos ( $p < 0,05$ );

\*\* Diferença estatisticamente significativa entre os grupos ( $p < 0,01$ );

A partir do manual do IHS, foi possível comparar os grupos separadamente (estudantes de início de curso, final de curso e profissionais), conforme as médias trazidas e sua classificação quanto a (1) repertório bastante elaborado, (2) bom repertório (acima ou abaixo da mediana) e (3) indicação para treinamento em cada fator do instrumento. Destaca-se que, para essa análise, foram levantados os dados de participantes do sexo masculino e feminino separadamente, visto que esses grupos possuem pontos de referência distintos no manual (DEL PRETTE et al., 2001). Os resultados podem ser observados na Tabela 3.

**Tabela 3:** Média e Desvio Padrão em cada fator do IHS segundo grupo e sexo.

	<b>Início de Curso</b>		<b>Final de Curso</b>		<b>Profissionais</b>	
	<b>Masc.</b>	<b>Fem.</b>	<b>Masc.</b>	<b>Fem.</b>	<b>Masc.</b>	<b>Fem.</b>
<b>Enfrentamento com riscos (F1)</b>	2,08 c (0,62)	1,79 c (0,56)	1,98 d (0,79)	2,09 b (0,57)	2,54 b (0,84)	2,53 a (0,57)
<b>Expressão de afetos positivos (F2)</b>	2,73 c (0,53)	3,09 c (1,01)	2,66 c (0,61)	2,89 c (0,55)	2,80 c (1,27)	3,15 c (0,47)
<b>Desenvoltura social (F3)</b>	2,52 b (0,56)	2,54 b (0,65)	2,62 b (0,45)	2,75 b (0,64)	2,11 d (0,86)	2,98 a (0,43)
<b>Autoexposição (F4)</b>	2,56 b	2,28 b	2,16 c	2,54 b	2,90 b	2,81 b

	(0,68)	(0,88)	(1,00)	(0,86)	(0,89)	(0,98)
<b>Autocontrole da</b>	2,64 c	2,67 a	2,54 c	2,69 a	2,67 b	2,92 a
<b>agressividade (F5)</b>	(0,82)	(0,86)	(0,62)	(0,70)	(0,74)	(0,66)

Nota: As letras apresentadas junto a média indicam a classificação da pontuação conforme descrito em (DEL PRETTE et al., 2001), as quais significam: a - Repertório de HS bastante elaborado; b - Bom repertório de HS, acima da mediana; c - Bom repertório de HS, porém, abaixo da mediana; e, por fim, d- Indicação para treinamento de HS quando os déficits se tornarem fonte de problema.

Conforme pode ser observado pelas letras c e d, a classificação de bom repertório de HS foi o mais presente entre os participantes desse estudo, porém vale destacar as peculiaridades de cada grupo.

Os estudantes de início de curso, de ambos os sexos, apresentaram um bom repertório de HS quanto aos fatores de Enfrentamento com riscos e Expressão de afetos positivos, todavia esses resultados estavam abaixo da mediana (de acordo com o manual do instrumento). Os repertórios de Conversação e desenvoltura social (F3) e Autoexposição a desconhecidos e situações novas (F4) também foram considerados bons, mas, diferentes dos dados apresentados anteriormente, esse repertório estava acima da média. Quando separados entre os sexos, a única diferença entre os estudantes de início de curso foi na categoria de Autocontrole da agressividade a situações aversivas – as mulheres apresentaram um repertório de HS bastante elaborado e os homens um bom repertório, contudo abaixo da média.

Quanto aos estudantes de final de curso, os participantes do sexo masculino apresentaram um bom repertório, entretanto abaixo da média nos fatores de Expressão de afetos positivos (F2), Autoexposição (F4) e Autocontrole da agressividade (F5); bom repertório de HS e acima da média quanto à Desenvoltura social (F3) e indicação de treinamento de HS quanto ao Enfrentamento com riscos (F1). As participantes do sexo feminino obtiveram os mesmos resultados nos fatores dois e três, além de um bom repertório acima da média no fator um e quatro. No fator Autocontrole (F5), as mulheres em fim de curso apresentaram um repertório bastante elaborado.

A média dos resultados dos profissionais participantes desse estudo indicaram um bom repertório, nos homens e mulheres, de Expressão de afetos positivos (F2) e Autoexposição a desconhecidos e situações novas (F4). Em todos os demais fatores, as mulheres apresentaram um repertório bastante elaborada de HS, enquanto os homens apresentaram um bom repertório nos fatores um e cinco (Enfretamento com risco e Autoexposição, respectivamente), e indicação para treinamento de HS quanto à Desenvoltura Social (F3).

Finalizando a análise da Tabela 3, pode-se destacar que, ao observar as médias de cada grupo: de modo geral, as mulheres apresentaram um repertório de HS bastante elaborado quanto ao autocontrole da agressividade; os dois dados que apontaram a indicação para treinamento de HS foi entre os participantes do sexo masculino, sendo a assertividade (F1) entre os estudantes de final de curso e a desenvoltura social (F3) entre profissionais. É interessante ressaltar que a Desenvoltura social (F3) e Autoexposição (F4) foram os fatores em que os participantes, de modo geral, obtiveram mais escores acima da média. Embora tenham havido dados abaixo da média, faz-se mister destacar que não houve nenhuma indicação de treinamento de HS para estudante de início de curso.

Quanto ao teste de correlação, foi possível verificar se havia associação entre o tempo de atuação e os escores obtidos através do instrumento. Nessa análise, não foi verificada nenhuma correlação significativa ( $p > 0,05$ ).

## 4 Discussão

Os dados obtidos permitiram identificar informações importantes sobre as HS durante o período da formação até a atuação profissional. A inexistência de diferença significativa no escore geral de HS entre os estudantes de início e final de curso corrobora com estudos que confirmam a necessidade de se criar meios de desenvolver, durante a graduação em Psicologia, as Habilidades Sociais dos estudantes (CARNEIRO & TEIXEIRA, 2011; DEL PRETTE, 1978; DEL PRETTE, DEL PRETTE & BRANCO, 1992a).

Pesquisa realizada em 1992 por Del Prette, Del Prette e Branco, buscou avaliar dimensões do repertório de competência social de 79 alunos de psicologia. Os pesquisadores concluíram que houve um padrão amplo de semelhança e bastante restrito de diferenças entre os alunos que estavam no início e no término do curso em quase todas as dimensões. Ou seja,

o curso não estava promovendo a aprendizagem adequada de habilidades sociais. Esses resultados se assemelham ao observado na presente pesquisa.

Os dados mostram ainda que não houve diferença significativa entre estudantes de final do curso e psicólogos. Como não foram encontradas pesquisas que possam fundamentar esse tipo de análise, sugerimos a realização de estudos que possam avaliar o desenvolvimento de HS entres esses dois grupos, de estudantes de final de curso e de psicólogos. Uma possível hipótese para essa ausência de diferença pode ser o fato desses estudantes já estarem expostos a situações no estágio profissionalizante que possibilitem o desenvolvimento das HS.

Os dados apontaram a existência de diferença significativa entre estudantes de início de curso e psicólogos, sugerindo que durante esse período de tempo houve uma aprendizagem de HS. Se tratando de um longo período de tempo entre os grupos, pelo menos 5 anos, acredita-se que mais estudos podem ser desenvolvidos para identificar os efeitos de outras variáveis possivelmente relacionadas a essa aprendizagem, aspecto que apontamos como uma das limitações do estudo realizado. Estudos longitudinais serviriam de informações mais precisas para verificar essas diferenças.

Freitas (2013), em uma pesquisa bibliográfica objetivando caracterizar estudos experimentais em treinamentos de habilidade sociais, enfatiza a importância desse tipo de estudo como ferramenta que possibilita uma maior avaliação de variáveis relacionadas ao desenvolvimento dessas habilidades. Desta forma, sugerimos a realização de pesquisas longitudinais que permitam comparar as HS do próprio grupo em início, fim de curso e em atuação profissional, para melhor identificar variáveis externas que foram inseridas durante esses períodos (curso extracurricular, estágio, participação em projetos de pesquisa/extensão, etc.) e que podem estar contribuindo, ou não, para o desenvolvimento dessas habilidades.

Ao analisar os dados por fatores, destaca-se o fator 1 (Enfrentamento com riscos ou assertividade), pois foi nele que profissionais apresentaram maiores médias do que estudantes de final de curso e estes, mais do que graduandos em início de curso, indicando um desenvolvimento na formação e atuação profissional. A participação em atividades de pesquisa e extensão também parecem promover o desenvolvimento dessa habilidade, denotando a importância da inserção dos formandos nesse tipo de atividade.

Ainda em um contexto universitário, mas com um público diferente, vale destacar que esse mesmo resultado foi encontrado em pesquisa realizada com estudantes de graduação do curso de enfermagem na Grécia, onde observou-se um desenvolvimento da assertividade ao

longo do curso (DELTSIDOU, 2009). Com uma amostra de estudantes de obstetrícia, um curso de curta duração também indicou o desenvolvimento dessa habilidade (WARLAND, MCKELLAR, & DIAZ, 2014). Esses estudos demonstram, portanto, a eficácia de intervenções dessa natureza.

Esses dados mostram-se relevantes, pois, para além da atuação do psicólogo, o comportamento assertivo, enquanto uma dimensão das Habilidades Sociais, é relevante nas relações interpessoais também de outros profissionais, como enfermeiros e fisioterapeutas (CAÑÓN-MONTAÑEZ & RODRÍGUEZ-ACELAS, 2011). Segundo Marchezini-Cunha e Tourinho (2010), essa habilidade contribui para a promoção de consequências reforçadoras diversas e aprovação social, mas podem ocasionar tanto aprovação quanto desaprovação. A vantagem do comportamento assertivo está no fato de ele beneficiar o grupo e ao próprio indivíduo quando comparado ao comportamento agressivo, o qual causa aversão do grupo, e ao comportamento passivo, que tem consequências negativa para o próprio sujeito.

Os resultados apresentados nesse estudo também sugerem que a vida profissional tem sido capaz de desenvolver mais HS nos repertórios dos sujeitos do que a formação profissional. Considerando o caráter cumulativo das HS, estes resultados podem estar relacionados ao fato da graduação não possibilitar tanta experiência prática e situações interpessoais quanto a atuação profissional, o que pode ser corroborado pelas pesquisas que utilizaram atividades teóricas e práticas para melhor desenvolver essas habilidades nos alunos (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2013; FREITAS, 2013; LOPES et al., 2015; MAGALHÃES & MURTA, 2003) e também pelo resultado do presente estudo, em que estudantes que participam de atividades de pesquisa e extensão obtiveram média superior aos que não participam, média geral superior, mas não significativa estatisticamente, e diferença significativa no fator 1.

As diferenças encontradas entre homens e mulheres, por exemplo, podem sugerir diferentes objetivos para o desenvolvimento de um programa de THS, sendo interessante, antes da intervenção, uma avaliação que permita analisar quais as características do grupo que devem ser mais trabalhadas. No estudo de Del Prette & Del Prette (2004), os dados analisados através do ANOVA indicaram diferenças significativas nos escores nos fatores 1, 2, 4 e 5. Nos fatores 2, 4 e 5 os escores dos participantes do sexo masculino ficaram acima do feminino, enquanto que no fator 1 as respondentes do sexo feminino obtiveram médias

superiores. Esses resultados ilustram a possibilidade e a importância de realizar treinamentos direcionados a habilidades específicas a serem desenvolvidas em homens e mulheres.

Acerca da diferença nas Habilidades Sociais entre homens e mulheres, sugere-se novos estudos que aprofundem e esclareçam essas diferenças, uma vez que no presente estudo houve como limitação uma amostra predominantemente feminina. Contudo, vale destacar que esse viés da amostra ainda pode ser reflexo da composição predominantemente feminina dessa classe profissional, a qual não tem se modificado significativamente ao longo dos anos (CASTRO & YAMAMOTO, 1998).

Desta forma, consideramos que os dados apresentados possibilitaram identificar certas dificuldades em encontrar, no curso de Psicologia, formas de se desenvolver HS, pois não foram encontrados elementos que comprovem uma aprendizagem significativa de HS pelos estudantes universitários. Pesquisas anteriores realizadas no Brasil sobre HS de estudantes de psicologia já apontavam a necessidade de se desenvolver essas habilidades durante a graduação (DEL PRETTE, DEL PRETTE & BRANCO, 1992A; DEL PRETTE, DEL PRETTE & BRANCO, 1992b).

A preocupação concernente ao desenvolvimento de HS é relevante não só para potencializar a atuação do psicólogo, mas também pelo fato de estar ligado a relações sociais saudáveis e ao bom desempenho acadêmico de estudantes (FERREIRA, OLIVEIRA & VANDENBERGHE, 2014). Oliveira e Duarte (2004) apontam que o desempenho acadêmico pode ser prejudicado por um repertório empobrecido de HS, o que pode também estar relacionado com a evasão de estudantes. Refletindo sobre o desempenho e a atuação do psicólogo, deve-se atentar para a formação desses profissionais, os quais deverão estar capacitados para desempenhar sua profissão também de forma ética e socialmente responsável.

Murta (2005) reconhece as HS como fator de proteção do desenvolvimento humano, e déficits em competência social podem prejudicar a qualidade de vida e as relações sociais (ARGYLE, 1967/1994; MORRISON & BELLACK, 1987; WALLACE & LIBERMAN, 1985 CITADO POR DEL PRETTE & DEL PRETTE 2001), desta forma, considerando que comportamentos habilidosos socialmente podem ser aprendidos, aprimorados e generalizados (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2012; DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2008), sugerimos que THS fossem atividades da grade curricular dos cursos de Psicologia, ou até mesmo como atividades complementares, colaborando para ações competentes dentro das relações

interpessoais (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2011) e para a saúde mental do sujeito (MURTA, 2005).

Com esses resultados, com grupos direferentes (em idades e experiências) e escores com poucas diferenças significarticas, consideramos importante que seja discutida a matriz curricular dos cursos de formação em Psicologia, tendo em vista a relevância e a necessidade em desenvolver competências técnicas e sociais que contribuam com a atuação do psicólogo. Uma das limitações nesse tipo de estudo é o controle Ferramentas como Treinamentos de Habilidades Sociais podem se constituir como meio de se promover a aprendizagem dessas habilidades.

Apesar desse estudo ter tido como problemática a importância do desenvolvimento de Habilidades Sociais entre graduandos e profissionais de psicologia, vale destacar que a importância dessa habilidade na atuação profissional não é uma exclusividade dessa categoria, sendo também demandada de outros profissionais que tem como objetivo o cuidado ou a educação. Apesar da escassez de estudos internacionais sobre o desenvolvimento dessa habilidade entre psicólogos, há na literatura estudos que apontam essa mesma importância entre enfermeiros, fisioterapeutas e médicos (CAÑÓN-MONTAÑEZ & RODRÍGUEZ-ACELAS, 2011) e sua associação com a saúde mental de universitários (POURJALI & ZARNAGHASH, 2010). A mesma importância deve ser destacada para profissionais da área de educação e Serviço Social (ROSA, NAVARRO-SEGURA, & LÓPEZ, 2014). Diante desse cenário, sugere-se que pesquisas com o mesmo delinemaneto sejam realizadas no Brasil com as demais classes profissionais, afim de fomentar essa discussão ainda nos cursos de graduação.

## Referências

- BANDEIRA, M.; QUAGLIA, M. A. C.; FREITAS, L. C.; SOUSA, A. M.; COSTA, A. L. P.; GOMIDES, M. M. P.; LIMA, P. B.. Habilidades interpessoais na atuação do psicólogo. **Interação em Psicologia**, 10 (1), 139-149, 1996. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Marina\\_Bandeira/publication/273428452\\_Habilidades\\_interpessoais\\_na\\_atuacao\\_do\\_psicologo/links/5677eaba08aebcdda0eb9d1a.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Marina_Bandeira/publication/273428452_Habilidades_interpessoais_na_atuacao_do_psicologo/links/5677eaba08aebcdda0eb9d1a.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2015.
- BRASIL . Parecer CNE/CES nº 1.314 de 7 de novembro de 2011. **Diretrizes curriculares para o curso de Graduação em Psicologia**, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1314.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2015.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 5, de 15 de março de 2011 - **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia**, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia, 2011. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=12991:diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao)>. Acesso em 25 jul. 2015.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LEME, V. B. R.; LIMA, A. M. A.; COSTA-JÚNIOR, F. M.; CORREIA, M. R. G. Avaliação de um Treinamento de Habilidades Sociais (THS) com Universitários e Recém-formados. **Interação em Psicologia**. 13(2), 241-25, 2009.

CARNEIRO, A. A., TEIXEIRA, C. M. Avaliação de Habilidades Sociais em alunos de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão. **Psicologia Ensino & Formação**, 2(1), 43-56, 2011.

CASTRO, A. E. F.; YAMAMOTO, O. H. A Psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. **Estudos de psicologia**, 3(1), 147-158, 1998.

CAÑÓN-MONTAÑEZ, W. & RODRÍGUEZ-ACELAS, A. L. Asertividad: una habilidad social necesaria en los profesionales de enfermería y fisioterapia. **Texto Contexto Enfermagem**, 20, 81-87, 2011.

CFP. **Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil**. Contribuição do Conselho Federal de Psicologia ao Ministério do Trabalho para integrar o catálogo brasileiro de ocupações – enviada em 17 de outubro de 1992. Disponível em: < [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr\\_prof\\_psicologo.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf) >

CRUZ, R.M.; Schultz, V. Avaliação de Competências Profissionais e Formação de Psicólogo. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, 61(3), 117-127, 2009.

DASCANIO, D.; DEL PRETTE, A.; BARHAM, E. J.; RODRIGUES, O. M. P. R.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades sociais, competência acadêmica e problemas de comportamento em crianças com diferentes níveis de plumbemia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 28 (1), 166-176, 2015.

DEL PRETTE, A. O treino assertivo na formação do psicólogo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, 30 (1-2), 53-56, 1978.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Análise de repertório assertivo em estudantes de Psicologia. **Revista de Psicologia** 1(1), 15-24, 1983.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette)**: manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais**: vivências para o trabalho em grupo. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Habilidades sociais**: intervenções efetivas em grupo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: terapia, educação e trabalho**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Programas eficazes de treinamento em habilidades sociales basados en métodos vivenciales. **Apuntes de Psicología**. 31(3), 67-76, 2013.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A.; ABRAHAM, L. J.; REIS, M. J. **Desempenho interpessoal do profissional de psicologia: um estudo preliminar**. Trabalho não publicado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2000.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P.; BRANCO, U. V. C. Competência social na formação do psicólogo. **Paideia: Cadernos de Educação**, 2, 40-50, 1992a.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A.; BRANCO, U. V. C. Competência social: Um levantamento de situações críticas de interação para estudantes de Psicologia. Em Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (Org), Psicólogo escolar: Identidade e Perspectiva: **Anais do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional**. (pp. 384-387). Campinas: ABRAPEE, 1992b.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P.; BARRETO, M. C. M.; BANDEIRA, M.; RIOS-SALDAÑA, M. R.; ULIAN, A. L. A. O.; GERK-CARNEIRO, E.; FALCONE, E. M. O.; VILA, M. B. (2004). Habilidades Sociais de estudantes de psicologia: Um estudo multicêntrico. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 17(3), 341-350.

DELTSIDOU, A. Undergraduate nursing students' level of assertiveness in Greece: A questionnaire survey. **Nurse Education in Practice**, 9, 322-330, 2009.

FALCONE, E. Habilidades sociais do terapeuta cognitivocomportamental na interação com pacientes difíceis. Em A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), **Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem** (pp.147-164). Campinas: Editora Alínea, 2003.

FERREIRA, V. S.; OLIVEIRA, M. A.; VANDENBERGHE, L. Efeitos a curto e longo prazo de um grupo de desenvolvimento de habilidades sociais para universitários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 30(1), 73-81, 2014.

FREITAS, L. C. Uma revisão sistemática de estudos experimentais sobre Treinamento de Habilidades Sociais. **Rev. Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, (2), 75-88, 2013.

LEVITAN, M.; RANGÉ, B.; NARDI, A.E. Habilidades sociais na agorafobia e na fobia social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 24 (1), 95-100, 2008.

LISBOA, F. S.; BARBOSA, A. J. G. Formação em psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia: ciência e profissão**, 29(4), 718-737, 2009.

LOPES, D. C.; GEROLAMO, M. C.; DEL PRETTE, Z. A. P.; MUSETTI, M.A.; DEL PRETTE, A. Social skills: a key fator of engineering students to develop interpersonal skills. **International Journal of Engineering Education**, 31(1), 405-413, 2015.

MARCHEZINI-CUNHA, V.; TOURINHO, E. Z. Assertividade e autocontrole: Interpretação analítico-comportamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 26(2), 295-304, 2010.

MAGALHÃES, P. P.; MURTA, S. G. Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: um estudo pré-experimental. **Temas em Psicologia da SBP**, 11, 28-37, 2003.

MALINAUSKAS, R., DUMCIENE, A. & LAPENIENE, D. Social skills and life satisfaction of Lithuanian first- and senior-year university students. **Social Behavior and Personality: An International Journal**, 42 (2), 285-294, 2014.

MONTROY, J.J., BOWLES, R.P., SKIBBE, L.E., & FOSTER, T.D. Social skills and problem behaviors as mediators of the relationship between behavioral self-regulation and academic achievement. **Early Childhood Research Quarterly**, 29(3), 298-309, 2014.

MOUNTS, N. S. Parental Management of Peer Relationships and Early Adolescents' Social Skills. **Springer. J Youth Adolescence**, 40, 416-427, 2011.

MURTA, S.G. Aplicações do treinamento em habilidades sociais: Análise da produção nacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 18 (2), 283-291, 2005.

OLIVEIRA, M. A.; DUARTE, A. M. M. Controle de respostas de ansiedade em universitários em situações de exposição oral. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, 6(2), 183-199, 2004.

OZBEN, S. Social skills, life satisfaction, and loneliness in turkish university students. **Social behavior and personality**, 41(2), 203-214, 2013.

PONTES, M. G. F. C.; SOUZA, M. A. Treino de Habilidades Sociais em estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia: uma possibilidade de atuação do psicólogo escolar educacional no ensino superior. **Rev. Eletrônicas de Culturas e Educação**, 4, 116-126, 2011.

POURJALI, F. & ZARNAGHASH, M. Relationships between assertiveness and the power of saying no with mental health among undergraduate student. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, 9, 137-141, 2010.

ROSA, J. NAVARRO-SEGURA, L. & LÓPEZ, P. El Aprendizaje de las Habilidades Sociales en la Universidad. Análisis de una Experiencia Formativa en los Grados de Educación Social y Trabajo Social. **Formación Universitaria**, 7(4), 25-38, 2014.

SEGRIN, C., MCNELIS, M. & SWIATKOWSKI, P. Social Skills, Social Support, and Psychological Distress: A Test of the Social Skills Deficit Vulnerability Model. **Human communication research**, 42,122 -137, 2016.

VAN VUGT, E.S.; DEKOVIC, M.; PRINZIE, P.; STAMS, G. J. J. M.; ASSCHER, J. J. Evaluation of a group-based social skills training for children with problem behavior. **Children and Youth Services Review**. 35, 162-167, 2013.

VILA, M. B.; DEL PRETTE, Z. A. P. Marital Satisfaction: The Role of Social Skills of Husbands and Wives. **Paidéia**, 23(56), 379-387, 2013.

WAGNER, M. F.; OLIVEIRA, M. F. Habilidades sociais e abuso de drogas em adolescentes. **Pisc. Clin., Rio de Janeiro**, 19(2), 101 – 116, 2007.

WARLAND, J., MCKELLAR, L. & DIAZ, M. Assertiveness training for undergraduate midwifery students. **Nurse Education in Practice**, 14, 752-756, 2014.

Recebido em: 20/05/2016

Revisado em: 07/10/2016

Aprovado para publicação em: 26/10/2016

Publicado em: 20/12/2016